



A Importância dos Fundamentos na Psicanálise

Regina Coeli de Aguiar Castelo Prudente¹

RESUMO

Falar dos conceitos fundamentais é o que se propõe como início de qualquer implicação de estudo e reflexão sobre a teoria e a clínica psicanalítica. Talvez sem razão, acusem os psicanalistas de dialogarem somente entre si... por certo não é uma acusação falsa apesar de não ser verdadeira. Dialogar entre os pares significa que quando um psicanalista está num ensino e na transmissão, é imprescindível que esteja falando dos conceitos fundamentais dentro de um espaço de entendimento muito claro do que se trata para o senso comum e a do que se trata para Psicanálise. Neste artigo iremos apresentar a importância da obra de Sigmund Freud para a construção da Psicanálise e como seus estudos contribuíram com o tema e que ainda tem sua importância na sociedade pós-moderna. Temas abordados em nosso grupo de estudos: Fundamentos da Psicanálise do Centro Universitário Academia - UniAcademia.

Palavras Chaves: Fundamentos da Psicanálise, Sigmund Freud, recalque, Mal-Estar na civilização, felicidade, desamparados, inconsciente e repetição.

¹ Mestre docente dos cursos de Psicologia e da Pós-graduação em Teoria Psicanalítica: clínica e cultura do UniAcademia - Centro Universitário Academia. Membro Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.



INTRODUÇÃO

O Mal estar da civilização, artigo de Sigmund Freud publicado em 1930, que no conjunto da obra freudiana foi o artigo que fez Freud receber o prêmio Goethe como um dos maiores escritores da língua alemã. É nele que Freud destaca que a investigação sobre a felicidade não lhe havia ensinado muita coisa e por isto prossegue na questão com a pergunta.

“Porque é tão difícil para os homens serem felizes?” (FREUD, 2015, p. 43). Freud afirma no escrito supracitado que já dera indicativos sobre os três pontos de sofrimento, de onde viriam o nosso sofrer que subseqüentemente destacaremos não antes entretanto de ressaltar que ao contrário de responder sobre fórmulas para a felicidade, típicas da atual medicalização da existência que assistimos em nossa contemporaneidade. O pai da Psicanálise aponta para as formas mais evidentes da dor de existir, destaca Freud:

“a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade. No tocante às duas primeiras, nosso julgamento não tem porque hesitar: ele nos obriga ao reconhecimento dessas fontes de sofrer e à rendição ao inevitável. Nunca dominaremos completamente a natureza, e nosso organismo, ele mesmo parte dessa natureza, será sempre uma construção transitória, limitada em adequação e desempenho” (FREUD, 1930, p. 43).

A experiência milenar de acordo com Freud revela como é difícil que possamos compreender porque que as instituições criadas para o próprio bem estar e proteção possam ser destrutivas na direção do mesmo homem.

Freud reflete que tal observação aponta para a natureza indomável da nossa própria constituição psíquica afirmando no texto magistral de 1930 que parte da culpa da nossa miséria humana e do nosso mal estar é produzido pelo próprio sistema civilizatório o que chamamos civilização. Assim Freud nos revela ainda no



texto de “Mal Estar na Civilização” que seríamos bem mais felizes se abandonássemos as condições primitivas (FREUD, 1930, p. 44).

Para muitos críticos é considerado talvez o texto mais melancólico, onde Freud afirma: “Nas últimas gerações a humanidade fez progressos extraordinários nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, consolidando o domínio sobre a natureza antes inimaginável”. Os homens destaca Freud, “ficam orgulhosos de suas realizações”. (FREUD, 1930, p. 45 e 47).

Hoje com a leitura do texto de Sigmund Freud verificamos que tais avanços não tem impedido a violenta força da natureza sobre o homem que em vão almeja sem controle. É fato que nós não sentimos bem em nossa própria civilização e que homem algum em qualquer tempo sentiu ou sentirá.

1. O desamparo em Freud:

A felicidade em Freud é assim altamente subjetiva e o sofrimento inerente à existência e condição do humano. Com esta abertura a partir do Mal Estar da Civilização podemos iniciar nosso texto sobre os fundamentos, este artigo que visa a complementação atividade do “grupo de estudos”. proposta a UniAcademia para encerramento e, também em especial, ressaltar e justificar o proposto grupo à instituição neste modelo acadêmico de “grupo de Estudos cuja temática é sobre Fundamentos.

A Psicanálise é uma exposição sistemática da evolução do pensamento de Sigmund Freud, suas articulações clínicas e o lugar do sujeito humano na natureza e na civilização. Destaca-se a condição de sujeito desamparado, condição esta, inerente ao ser, estruturante e que traz em seu bojo a própria condição humana.

O termo desamparo, que é considerado uma certa tradução para a palavra em alemão *Hilflosigkeit*, pois evoca uma falta de sustento, de proteção além de implicar a necessidade do outro. Em alemão como destaca Menezes (2012) nos



apresenta um sentido de uma ajuda de que se necessita onde o sujeito está tomado pela falta literal do outro, de sua ausência de ajuda.

Para a Psicanálise o desamparo introduz no dispositivo psicanalítico esta condição de “ausência de ajuda” e esta situação de desamparado é estrutural, diz respeito ao humano. Freud fala da pré maturidade do ser humano e ressalta a condição do bebê que sem a ajuda do outro, não sobrevive, tema que irá desenvolver a partir dos texto de 1920: Além do Princípio do Prazer (FREUD, 1986).

Como é importante ressaltar, esta condição de desamparados, originalmente inerente ao homem, conduz nossa vida psíquica e coloca a espécie humana em total dependência de um outro ser para além dele, condição da qual não temos como escapar, pois nos estrutura.

Em seu texto de 1926, “Inibição, Sintoma e Angústia, Freud colocou o eu como “abandonado à sua sorte” (FREUD, 1986, p. 34) em face das excitações com as quais não pode lidar.

Em “Inibição, Sintoma e Angústia”, Freud comenta sobre o desamparo:

“Esta condição está intimamente ligada ao conceito de trauma e acompanha o ser humano desde o nascimento devido à condição de neotenia. Esta condição decorre do fato do bebê nascer “prematuramente” em relação a qualquer espécie do reino animal, apresentando uma prolongada deficiência de maturação neurológica e motora que o deixa em estado de absoluta dependência e desamparo” (FREUD, 1986, p. 102).

Para compreender o conceito de desamparo em Freud, é fundamental tratarmos na clínica, onde o que tratamos do desamparado, o do outro e de nosso mesmo, aquele que exige dos candidatos a analistas seu compromisso com sua própria análise pessoal pois como já dito, nenhum humano escapa desta condição e vem dela *avatares* que cada um lança mão para lidar nesta entrada na natureza colocando a espécie humana em um outro lugar, diferente dos animais. Menezes (2012) destaca, que o desamparo é efeito da modernidade e seu crescimento é o



preço que pagamos por termos apostado no projeto moderno. O Desamparo é uma posição, o preço a pagar do sujeito no mundo.

2. A Interpretação dos Sonhos:

Na sequência de conceitos que nomeamos de Fundamentais, de ideias e posições discursivas dentro do campo psicanalítico, destacaremos à partir do livro: *Interpretação dos sonhos* escrito por Freud, terminado em 1899 e que só veio a ser publicado em 1900, talvez não por acaso. Nessa obra, fundamenta o conceito de inconsciente e acreditava que teria escrito tudo sobre o humano em 1900. Alegrem-nos por estar errado e ter continuado a escrever.

No texto de 1900, “*Interpretação do Sonhos*” verifica-se o rompimento operado por Freud de tudo então dito e sabido sobre o sonhador. É neste texto extraordinário que inaugura o século XIX que o conceito de inconsciente é apresentado tornando-se conceito fundamental exclusivo de tudo o que até então se tinha sobre o conceito de inconsciente que circulava na filosofia. O inconsciente que trata a psicanálise é um conceito freudiano assim como suas manifestações e forma de se apresentar, se fazer ver, a partir da dinâmica estrutural de cada ser.

Garcia-Roza (2005, p. 169) destaca que uma das maneiras de se começar a falar no inconsciente freudiano pode ser a de apontar o que não é” em relação a todo conceito de subjetividade proposto antes da guinada radical que o pai da psicanálise veio a dar na compreensão e na ruptura do conceito de inconsciente.

A subjetividade da era moderna, nascida sob os pilares da reflexão do filósofo René Descartes no século XVII produz a emergência da subjetividade e com Descartes que de acordo com Garcia-Roza (2005, p. 14) a questão da subjetividade se constitui como problema. O “Penso, logo sou” proposto por Descartes pode soar paradoxal pois assinala a emergência da subjetividade mas não a do sujeito.

Este é o ponto onde emerge a Psicanálise que não se instala como um saber moderno, visto que ela aponta não para a subjetividade como uma condição



do humano que o diferencia do animal. Uma espécie de subjetividade universal que demarca o homem. Assim o pensamento em Descartes só estaria presente como esclarece o autor supracitado neste momento como gênero ou como espécie. Assim não é do homem. Descartes fala e sim destaca Garcia-Roza (2005, p. 14) da natureza humana em geral.

A Psicanálise irá refletir se ousarmos afirmar, de um modelo hegeliano, pois Hegel partiu da ideia de que o desejo (*Begierde*) seria o responsável pela gênese do humano.

Segue-se uma importante interpretação de Garcia-Roza (2005, p. 19), que marca a divisão de conceitos e de pontos sobre a natureza humana com a qual a Psicanálise rompe: “A identificação da subjetividade com a consciência parece ser um ponto inabalável da filosofia moderna”. Assim, rompendo com o paradigma moderno deveríamos nos perguntar onde situar então a Psicanálise?

Evidentemente como já problematizamos, a Psicanálise não é cartesiana. Freud destaca que sua teoria surge como a terceira ferida narcísica sofrida pelo saber ocidental, ressalta Garcia-Roza (2005, p. 20). Freud teria em sua subversão ao espírito cartesiano de sua época apontado para um saber onde não se supõe sequer existência e este lugar não é o da consciência.

3. O Recalque: pedra angular da psicanálise.

Em seu texto na “História do movimento psicanalítico” Freud irá destacar outro aspecto que irá dar ao inconsciente ainda mais a dimensão de conceito fundamental quando descreve o mecanismo do recalque. E neste texto de 1914, que Freud apresenta a celebre afirmativa de que a teoria do recalque “é a pedra angular sobre a qual repousa toda estrutura da psicanálise”.

De acordo com Jorge (2011), a teoria do recalque e da resistência, “constitui uma descoberta e não uma premissa da psicanálise”. O recalque seria assim, um dos destinos da pulsão que como mecanismo de defesa que ele



definitivamente é, também é um mecanismo estrutural independente de sua ação coercitiva de manter sobre recalque as ideias inadmissíveis à consciência. A consciência proposta pelo ideário moderno é um filtro povoado pelas ideias, menções autorizadas pelas instâncias supressoras.

A Psicanálise ao contrário de muitos argumentos, jamais anulou a consciência ou declinou o conceito de importância com Freud, o inconsciente é que ganha lugar de sujeito da verdade como salienta Jorge (2011, p. 23), a descoberta do mecanismo do recalque esteve ligada a Freud desde o início de seus trabalhos sobre o problema da defesa.

Freud irá elevar o conceito de recalque para um mecanismo constitutivo do inconsciente. Assim, destacamos o conceito de inconsciente, o projeto de desconstrução do até então sabido sobre a mente humana ou alma humana como Freud se referia a psique. Buscou-se referenciar o recalque como estrutural do psiquismo humano elevado em sua dimensão de mecanismo de defesa para um mecanismo que constitui o próprio inconsciente. Os conceitos de inconsciente e recalque deve ser apresentados sempre que se interesse pela Psicanálise pois são conceitos fundamentais e fundadores.

No que diz respeito a direção do tratamento psicanalítico, sabe-se que a partir do conceito de recalque pode-se inferir algo sobre a noção diagnóstica e a direção de tratamento. O recalque assim norteia a forma do laço sendo o mecanismo que promove a possibilidade do laço social. Assim a questão diagnóstica tem com o mecanismo do recalque seu eixo que norteia a organização psíquica. Somente a estrutura neurótica se utiliza do recalque como mecanismo de defesa, defendendo os pensamentos e ideias inadmissíveis, sem conteúdo, esquecê-las.



4. Transferência em Lacan:

O conceito de transferência ganhou com Lacan o status também de conceito fundamental, cabendo lembrar não foi um ato de Jaques Lacan sem considerar a importância teórico-clínica que o conceito tinha para Freud.

Maurano (2006, p. 8) destaca que a transferência tem a ver com o amor com a “demanda de ser amado”. Podemos compreender assim o conceito de transferência como fundamental, pois o manejo, o entendimento e a forma de ser tratada institui de acordo com Maurano, a diferença chave entre a Psicanálise e outros métodos psicoterápicos.

Com Jaques Lacan o conceito de transferência destaca, como ressalta Maurano (2006, p. 9) a “suposição de saber creditada ao analista, e esta suposição será o pivô, aquilo que ergue a transferência para a psicanálise a uma posição fundamental”. Será o laço transferencial operado na relação analista-analisante que viabilizará o tratamento onde muitas variáveis irão intervir no decurso de um tratamento.

O fenômeno da transferência, ressalta Maurano (2006, p. 15) é a “chave de invenção” do método psicanalítico proposto por Freud e ganhará com pai da psicanálise, ou seja, como conceito psicanalítico específico o sentido de um laço afetivo intenso, que se instaura de forma quase tudo automático e independente da realidade na relação médico-paciente.

O dicionário de Psicanálise (1988) de Elizabeth Roudinesco e Michel Plon, destaca que o termo transferência não é próprio do vocabulário psicanalítico pois é usado em diversos campos e que de fato a grande invenção freudiana constitui em reconhecer o fenômeno como componente essencial da psicanálise a ponto de a partir da utilização do conceito de sua forma específica, fez da terapia psicanalítica um método de tratamento diferente de todos os outros na medida que Freud coloca a transferência como instrumento da cura no processo de tratamento.



5. Repetição:

O conceito de repetição também com status de fundamento terá sua última e definitiva apresentação no texto freudiano de 1920 “mais além do princípio do prazer” verifica-se de acordo com Roudinesco desde 1893 no texto “comunicação preliminar” este Freud e Bruer destacam a importância da repetição quando abordam a histeria considerado pré-psicanalítico.

Foi numa carta a seu interlocutor, médico e grande amigo Wilhlin Fliess datada de fevereiro de 1894 que Freud relata ao amigo a ideia de uma repetição “inexorável” passível de ser assimilada. A descoberta da repetição for correlata a descoberta do Édipo, descoberta que também ele relata a Fliess como destaca Roudinesco (1988, p. 657): “Encontrei em mim, como em toda parte, sentimentos amorosos em relação à minha mãe e de ciúme em relação ao meu pai, sentimentos estes, penso eu, são comuns a todas as crianças pequenas”.

Freud assim, começa a fazer da repetição um objeto automático em suas reflexões, como afirma Roudinesco (1988, p. 657), a partir de 1914 em seu texto “recordar, repetir e elaborar”. Neste artigo a permanência da repetição de uma análise para a outra, ressalta Roudinesco, “estaria ligada a transferência.

A repetição é a maneira de o paciente se lembrar ainda mais insistente na medida em que ele resiste a uma lembrança cuja “anotação sexual lhe desperta vergonha” (ROUDINESCO, 1988, p. 657).

Freud jamais renuncia o conceito e a ideia da repetição, ao contrário, o enunciado ganha vigor teórico-clínico nos seus textos posteriores ganhando uma versão elaborada em “mais além do princípios de prazer” de 1920, onde aprofunda ainda mais a noção e o conceito de compulsão a repetição, processo ao qual os seres humanos estão submetidos.

Assim não foi mero “gosto” de Jaques Lacan que o conceito de repetição ganhasse o status de conceito fundamental, dando de acordo com Roudinesco o título a seu seminário de 1964. No texto de 1964, Lacan destaca que a repetição do



inconsciente não é esta repetição do senso comum a qual nos referimos a repetição do idêntico. Não é bem assim que o conceito é tomado pela psicanálise.

A repetição com Lacan, escreve Roudinesco (1988, p. 658): “A repetição é movimento ou melhor a pulsação que subjas à busca de um objeto, de uma coisa (das Ding) sempre situada além ou daquela coisa particular e por isto mesmo impossível de se atingir”.

O conceito de repetição é um dos mais importantes conceitos teóricos clínicos da Psicanálise. O que se trabalha é convocado em um processo de análise diz respeito a repetição inconscientes de memórias infantis. O inconsciente freudiano não tem a ver com qualquer forma deste conceito dita antes de Sigmund Freud.

6. Lacan e os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise:

Lacan destaca em seu Seminário - livro 11 (onze), os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, que o “inconsciente de Freud não é de modo algum inconsciente romântico da criação imaginante”, pois a Psicanálise em Freud introduz uma outra coisa. Lacan ressalta que possa ter sido este o equívoco da Carl Jung o que ocasionou o repúdio de Freud. Jung teria tomado o conceito de inconsciente romântico, equivocando assim o construído teórico de Freud e mesma a lógica do conceito.

O inconsciente com Freud se manifesta sempre “como o que vacila num corte do sujeito” (LACAN, 1985, p. 32). Assim, atrelamos ao conceito de inconsciente à repetição que também é fundamento que exige-se para qualquer entendimento para que seja a Psicanálise. Lacan (1985, p. 56) ressalta que, em um retorno dos signos que nem uma reprodução de algo é literalmente uma repetição de signos, há algo de uma “modulação pela conduta de uma espécie de rememoração rígida. A repetição estará sempre velada na análise e é nesta direção



de desnivelamento que uma análise se cumpre fazer, se efetiva enquanto uma análise.

Verifica-se que assim que repetir não é um sentido que se captura pela via do senso comum para a teoria psicanalítica, ao contrário é tudo que na universalidade do conceito algo para além do que é dito. Assim fez Freud aos expandir, alargar, reler o até então sabido, apresentar e não reapresentar conceitos cuja trama, esta própria é de onde se espera que se compreenda qualquer iniciante na teoria psicanalítica.

7. A Psicanálise e a sexualidade:

Na contemporaneidade se discute de forma jamais vista os conceito de sexo e gênero e sabe-se o lugar que a sexualidade ocupa na história da Psicanálise pois Freud viria a romper com cânones até então estabelecidos sobre a temática do sexual. Por ser um eixo na teoria freudiana cabe que nesta proposta de grupo de estudos seja mister que se possa trazer ao diálogo estes novos saberes e dizeres sobre o sexual.

Roudinesco (1919, p. 306) em seu “Dicionário Amoroso de Psicanálise”, a Psicanálise “baseia-se num conjunto conceitual que permite pensar a atividade sexual de um ponto de vista filosófico ou clínico”.

Significantes tais como o amor, desejo, Eros, bissexualidade, homossexualidade, sexualidade feminina e masculina ganham aspectos e propõe conjecturas que só dentro do campo que abrange a teoria, a prática clínica e a análise individual do analista poderá ser apreendido nesta escuta oferecida pela Psicanálise que é de um sujeito único que se apresenta a partir de seu sintoma.

A partir desta ótica de singularidade de cada sujeito, a Psicanálise se afasta radicalmente de uma abordagem puramente anatômica, genital e trilha num caminho inverso da lógica do estudo da sexologia antes e depois que Freud



escreveu em 1905 seu mais conceituado artigo “Os três ensaios para uma teoria da sexualidade”.

Como afirma Roudinesco sobre o tema da sexualidade e do gênero tão alardeado nas mídias contemporâneas:

“Freud não forja termo específico para diferenciar na sexualidade, a determinação anatômica de sua representação Social ou psíquica. Seus sucessores não se privaram de fazê-lo e mesmo criticá-lo, criando um termo específico-o gênero que conhecerá um sucesso considerável a partir do século XX”. (ROUDINESCO, 2019, p. 306)

A Psicanálise assim advoga pelo sujeito com todas as suas formas de aparecimento e trata-se então desta escuta singular e não do aprisionamento do ser humano numa armadura fechada que dele diz sem nada de escutar.

Portanto se faz fundamental para a teoria psicanalítica e para todo o campo psicanalítico que o psicanalista esteja na Polis em seu campo de trabalho diálogo com outros saberes que jamais produzem rupturas e pensamos alargam-se misticamente no diálogo interdisciplinar.

Atreva-se a falar da condição desejante do humano e seu lugar na mesma natureza, esta mesma que irá colocá-lo, e rompido com ela de certa forma, com isto Freud introduz uma nova dialética sobre o homem. E inseparável do amor, o desejo é acima de qualquer coisa, desejo do que não podemos possuir.

Por que seria o desejo, se refletirmos com Freud, sempre uma condição de desejar e não possuir?

Roudinesco acrescenta, é esta pergunta uma direção de tratamento: “Como vemos o vocábulo desejo – um dos mais belos de toda a língua literária ou filosófica faz parte de um imenso continente onde se misturam amor, felicidade, prazer, gozo, posse, falta, morte, destruição, objeto” (ROUDINESCO, 2019, p. 95).



Também acrescenta Roudinesco (2019, p. 95) que é um “imenso” os contornos que o vocábulo adquire para a Psicanálise. Se pudermos, ousar afirmar, reduzir o vocábulo para a Psicanálise, o que é perigoso, pois sem crítica ao conceito de reducionismo como método arriscamo-nos a sê-lo aqui.

Desejo é desejo de continuar desejando. A captura do objeto implicaria de uma certa forma em sua evanescência, visto que não poderíamos desejar aquilo que possuímos talvez amar, o desejo é filho da falta e condição de ser humano.

8. Considerações Finais:

Pela especificidade que o termo desejo adquire para teoria e clínica freudiana é que nossa última escrita neste texto se dedica a ética da Psicanálise, trabalhar com a insatisfação estrutural do qual o ser humano está fadado, o desejo em Freud é situado ao lado do inconsciente e recalcado, proibido e sexualizado.

Falamos sobre a ética do desejo, o lugar que um de cada um introduzirá no laço social e ou fora dele sua insistência desejante é um dizer sobre a ética que a seguir nos dedicamos.

Após destacarmos os conceitos fundamentais da Psicanálise é vital que possamos discorrer sobre a ética. Freud jamais escreveu um texto dedicado a ética do saber, da teoria e da prática clínica por ele criados. Entretanto, deixou escrito em cada artigo os princípios que regeriam tanto a clínica, a direção do tratamento e o sujeito em questão para a Psicanálise. Foi com todo esse legado freudiano que Jaques Lacan pode contar para escrever seu Seminário livro 7: A ética da Psicanálise (1959 e 1960) a partir de uma leitura atenta do texto freudiano durante 10 anos em que se dedicou antes de promover a sua famosa leitura do texto de Freud.

No texto do Seminário da ética, Lacan ressalta que “não apreendemos o inconsciente se não sua explicação, no que dele é articulado que passa em palavras” (LACAN, 1997, p. 36).



O inconsciente em Lacan não poderia ter outra estrutura que não seja de linguagem, e esta não se trata de dizer a verdade, nem tão pouco de mentir, pois a verdade toda não é possível que se atinja e é nesta dimensão de escuta ética que se opera o trabalho de um psicanalista

Falar dos conceitos fundamentais é o que se propõe como início de qualquer implicação de estudo e reflexão sobre a teoria e a clínica psicanalítica. Talvez sem razão, acusem os psicanalistas de dialogarem somente entre si, por certo não é uma acusação falsa apesar de não ser verdadeira. Dialogar entre os pares significa que quando um psicanalista está num ensino e na transmissão, é imprescindível que esteja falando dos conceitos fundamentais dentro de um espaço de entendimento muito claro do que se trata para o senso comum e a do que se trata para Psicanálise.

Apresentar os conceitos fundamentais aos desejosos de um aprofundamento na teoria psicanalítica é uma exigência ética daqueles que estão no ensino e na transmissão para conectar diálogos com outros saberes que sempre foram tão bem vindos a Sigmund Freud, e sim para construir um campo de estudo e abordagem de reflexões pontuais para que a interlocução seja produtiva e companheira de uma pesquisa e trabalho com o ser humano com o qual as ciências sobre o homem estão implicadas. Este texto tem por objetivo de estacar a relevância do estudo dos fundamentos da Psicanálise ao curso de Psicologia e não somente restringindo a estudantes de Psicologia e também as áreas afins o legado e o corte radical que foi proposto por Freud na lógica dos conceitos no campo psicanalítico. Assim é a abertura de espaço dialógico com outros saberes e abordagens que também possuem conceitos inerentes a lógica de sua explicação.

A clínica psicanalítica atual há mais de cem anos de sua inauguração por Sigmund Freud insere-se em contexto distinto daquele que a viu nascer e se difundir lá no alvorecer do século XX. Hoje sabemos que temos à disposição disponíveis aos médicos e seus pacientes onde assistimos a medicalização da dor existencial, aquela mesmo que estrutura o ser humano. A Psicanálise na contramão de fazer calar a dor existencial convoca o sujeito a falar dela a se colocar como agente



responsável pela cura e pelo seu próprio tratamento. Somente pela via do envolvimento do paciente com os aspectos que regem a sua dor de existir é que um psicanalista erguido pela via transferencial poderá operar. Se a Psicanálise pode e deve falar em cura ela jamais despreza a participação ativa do sujeito humano no processo terapêutico pois cabe a este sujeito ele próprio dizer de sua própria dor, dizer do mal que o absorve, responsabilizar-se pela intriga em que está envolvido para que ao constituir um sintoma analítico possa também operar na direção de um certo “livramento” trazendo novidades e novos avatares para a sua vida. Com isto a Psicanálise inaugura o século XX não abolindo o sujeito humano e sim convocando e por isto se configura como uma prática clínica e uma teoria fundamental que se possa tratar nos cursos onde o ser humano é o foco, o objeto e meta.

Que se inicie todo o processo pelos Fundamento da Psicanálise.

Bibliografia:

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Ed. Imago: Rio de Janeiro, 1976. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

_____ **A Interpretação do Sonhos**. 1. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

_____ **Inibição, Sintoma e Angústia**. Ed. Imago: Rio de Janeiro, 1986. Volume 20. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

_____ **O Mal Estar na Civilização, Novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos**. Editora Companhia das Letras: São Paulo, 2015. Volume 18.

_____ **Além do Princípio do Prazer**. Ed. Imago: Rio de Janeiro, 1986. Volume 18. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.



GARCIA-ROZA, Luís Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. Volume 1. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2011.

LACAN, Jaques. **Seminário 7**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____ **Seminário 11**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MENEZES, Lucianne Sant'Anna de. **Desamparo: Clínica Psicanalítica**. Casa do Psicólogo: São Paulo, 2012.

MAURANO, Denise. **A Transferência**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2006. Coleção Passo a Passo.

QUINET, Antônio. **As 4+1 Condições de Análise**. 12 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário Amoroso de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2019.